

C A M P E ã O

SET

SÉRGIO ROBERTO DUARTE TROSS
Curso de Comunicação da Fac. de Filosofia e
Ciências Humanas -- 1º ano

Os dois. No meio, o tabuleiro, as peças em suas posições. Na mesa, ao lado, biscoitinhos, cerveja, cigarros. Mover as peças, era o jogo. Comer as peças do adversário. Até devorar o rei, xeque-mate, sem apelação. Rei morto, rei pôsto. Ficar satisfeito com a vitória: ufa! a cabeça dói. O outro, ficar satisfeito por perder para o campeão: já esperava. Render homenagens: aquê! movimento do cavalo, quando você colocou-o em posição para liquidar a torre, é, acabou com o jogo; coloquei minha força tôda na torre e você viu a jogada, não viu? O campeão morder o lábio, explicar: você ficou nervoso, alisou a torre umas três ou quatro vêzes, aí eu vi a jogada; se não tivesse o cavalo disponível, eu perderia. O outro apagar o cigarro no cinzeiro cheio, oferecer biscoitinhos, tomar um gole de cerveja, dizer: é, foi um bom jogo; podemos repetir noutra ocasião. O campeão erguer-se da cadeira, curvar as costas para chegar os ossos no lugar, dizer: podemos sim, será um prazer. O outro erguer-se também, dar a mão ao campeão, explicar que a cerveja e os biscoitinhos ficavam por sua conta, foi um prazer. O campeão sorrir, dizer: está bem, a próxima eu pago. Foi um prazer. Foi um prazer. Andar até a rua, dizer ainda: você vai para lá? Responder: não, eu vou para cá. Acenar as mão: então, até. Até. Andar para o ponto do ônibus, o campeão, rememorar, na ponta da língua: xeque-mate. Fôra o milésimo? Não saber ao certo. Arrostar, discreto, antes de



entrar no ônibus. Pensar que no meio do jôgo já viera-lhe a dor de cabeça. Acontecia agora mais freqüentemente. Doer-lhe a cabeça. Talvez a perda do título. Saber que o chamavam campeão apenas como homenagem, lembrança. Ter de jogar com os piores amadores, sócios do clube. Tudo por um cachê miserável. Saber que o campeão, às vêzes, tem de perder. Perder para o nôvo sócio, o que prometera mandar colocar novas cortinas nas janelas, por sua conta. Saber que seria, um dia, presidente do clube. Saber, enfim, que estava acabando. Velho e curvado de tanto curvar-se sôbre a mesa e dizer, mastigar, as palavras: xeque-mate.

Lembrar as derrotas no campeonato: não na final, não na semi-final, não. Lembrar que desistira da luta nas classificatórias, lembrar a dor na cabeça e o dedo fazendo tombar sôbre a mesa o rei. Fugir. Lembrar o dedo fazendo tombar, três vêzes, sôbre a mesa, o rei, seu rei, tombando sôbre a mesa, o ruído sêco do rei tombando sôbre a mesa, os assistentes murmurando um ó que lhe doeu na nuca, por três vêzes doeu-lhe na nuca aquêle ó prolongado. Observar o rosto dos vencedores, sentir nêles o que já sentira antes, tantas vêzes, saber que haviam batido o melhor, campeão, eram também candidatos à coroa, muita luta pela frente, para êles. E êle, tirar do bôlso os níqueis, pagar o ônibus, descobrir que não havia luta alguma pela frente. Pensar que um homem não vive se não há contra quem lutar. Contra o quê lutar. Tentar dizer que era mentira, era mentira, quantos viviam sem lutar? A maioria. Mas a maioria não vivia. Suspirar, puxar o cordão, ouvir a campainha soar ao lado do motorista, o freiar, descer do ônibus, andar. Abrir o portão da casa, abrir a porta da casa, e depois fechar. Acender as luzes da sala, da cozinha, tomar o copo de leite, encher de água o copo vazio, apagar as luzes da cozinha, da sala, acender as do quarto, ver a cama, a mulher na cama. Trocar de roupas, apagar a luz, acender o abajur, deitar-se sob as cobertas, beijar os cabelos da mulher, acender um cigarro e, logo em seguida, apagar. Estender a mão para o abajur, puxar o cordão, ver a luz sumir, ajeitar as cobertas. E tentar sonhar.